

UM OLHAR SOBRE A ÉTICA NO CONTO LE PETIT POUCKET DE CHARLES PERRAULT

A LOOK AT ETHICS IN CHARLES PERRAULT'S TALE LE PETIT POUCET

Maria Murta¹

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0794-308X>

Resumo: O fenómeno social da discriminação é transversal ao tempo e ao espaço, sendo descrito na literatura tradicional e aceite como situação normativa. A partir desta constatação, propomos mostrar que a discriminação a que assistimos muitas vezes tem origem inesperada, invertendo-se as posições. Consideramos que o conto *Le Petit Poucet*, na versão de Perrault não pode ser entendido como material literário neutro, mas como um recurso que permite o desenvolvimento de uma ética da alteridade e da empatia. Quais são os critérios para julgarmos o "outro"? Quais são as consequências das nossas ações sobre aqueles que consideramos diferentes? São questões que revelam que o conto é um desafio filosófico e ético, o qual incentiva a pensar criticamente sobre o que é afinal a igualdade e o papel do inesperado na construção de uma sociedade. Esta perspetiva permite-nos abordar a problematidade das relações humanas face às diferenças, e a partir daqui, encaminhar a criança para a compreensão e aceitação do inesperado e do diferente como fundamentais para vivermos numa sociedade equitativa.

]

Palavras-chave: Perrault, Educação, Ética

Abstract: The social phenomenon of discrimination cuts across time and space and is described in traditional literature and accepted as a normative situation. Based on this observation, we propose to show that the discrimination we witness often has an unexpected origin, reversing the positions. We believe that Perrault's version of *Le Petit Poucet* cannot be understood as neutral literary material, but rather as a resource that allows us to work on developing an ethic of otherness and empathy. What are the criteria for judging the 'other'? What are the consequences of our actions on those we consider different? These are questions that reveal that the story is a philosophical and ethical challenge, which encourages us to think critically about what equality really is and the role of the unexpected in building a society. This perspective allows us to address the problematic nature of human relationships in the face of differences, and from here, to guide children towards understanding and accepting the unexpected and the different as fundamental to living in an equitable society.

Keywords: Perrault, Education, Ethics

¹ Mestre em Filosofia, Curso de Doutoramento Universidade de Évora, Portugal. CIDEHUS . E-mail: mariamurta007@gmail.com .

Introdução

Quando estamos frente ao conto *Le Petit Poucet* (O Pequeno Polegar), é possível reconhecer a postura compreensiva que adotamos em relação aos atos do protagonista e às consequências das suas ações. No entanto, também é válido questionar e repensar esta postura diante das ações descritas.

O conto apresenta-nos um jovem corajoso e astuto que, apesar de sua pequena estatura, consegue superar desafios e encontrar soluções para os problemas que enfrenta. A jornada que inicia envolve enganos, estratégias e até mesmo a ameaça de ser devorado. Ao aceitarmos as ações do Pequeno Polegar como parte integrante da narrativa e as suas consequências como naturais dentro do universo ficcional em que se desenvolvem, estamos a compreender um universo de metáforas que a narrativa nos transmite.

Numa perspectiva mais objetiva, ao analisarmos mais profundamente esta narrativa, questionamos as mensagens subjacentes e as ideias transmitidas. Mais concretamente podemos refletir sobre o papel do engano e manipulação desenvolvido nas estratégias do Pequeno Polegar e ponderar estas ações em termos éticos e morais.

Quando nos debruçamos sobre o conto, adotamos uma atitude compreensiva com os seus atos e aceitamos as consequências destes como esperadas. Efetivamente, encaramos esta relação como uma luta do bem contra o mal, ou um David contra Goliath. A narrativa destaca a astúcia, a inteligência e a perspicácia de um pequeno ser desfavorecido, insinuando que na vida os mais fracos podem superar quaisquer adversidades com criatividade e argúcia. Nesta perspectiva, o conto pode ser encarado como orientador de posturas, ou como uma ferramenta educativa.

Literature is the most developed and permanent form of storytelling; it lasts and is passed from generation to generation. Great texts have the power to change our lives, to give direction to us and to offer meaning and purpose. Individual texts become part of our textual histories as they pass on timeless knowledge and truth, values and wisdom. Much of the richness of story that has been communicated through the ages, has been distilled into great books (Carney, 2010, p. 10)

Apesar desta empatia que sentimos, identificamos nesta narrativa atitudes e comportamentos da personagem principal que, se tomarmos o conto como ferramenta educativa, podem induzir a comportamentos menos éticos uma vez que a mesma promove e exulta o indivíduo e o seu querer. Numa ação reação, aqui os fins justificam os meios.

No entanto, o conto estabelece a dúvida: Eu sou eu solipsista ou sou Eu em comunidade?, provocando o exercício do pensar. As ações do Pequeno Polegar podem então ser revistas, revelando que um Eu só será completo como Eu social, não exultando um querer individual e inescrupuloso.

O conto, em análise

Este conto apresenta-nos uma situação aparentemente normal. De facto nem estranhámos que uma narrativa nos exponha um abandono de crianças pequenas. Ficamos presos na trama e justificamos todas as decisões e escolhas do nosso herói mesmo quando assistimos a assassínios e burlas de inocentes.

Muito embora “the meanings of hero stories depend upon these related pairs of signifiers which express the dualistic structure inherent in Western thought, a pattern of values which naturalizes the dominance of the European patriarchal elite and the subordination of other cultural groups, other social classes, women and nature” (Hourihan, 2005, p. 16).

Mas porquê? Assumimos *Le Petit Poucet* como uma história de coragem, astúcia e perseverança, onde o menor e aparentemente mais fraco dos filhos se vai revelar como o mais corajoso e inteligente de todos. Nesta perspetiva a narrativa destaca a importância da determinação e da solidariedade familiar diante das adversidades. Numa perspetiva psicanalítica, destacamos a análise de Bruno Bettelheim. Bettelheim diz-nos que os contos, com as suas tramas extremamente simples mas com uma simbologia rica, são uma resposta terapêutica para as crianças. Segundo este psicólogo, os contos proporcionam-lhes um meio para lidarem com os seus medos e ansiedades, além de lhes oferecerem modelos de superação de desafios e resolução de conflitos.

For a story truly to hold the child’s attention, it must entertain him and arouse his curiosity. But to enrich his life, it must stimulate his imagination; help him to develop his intellect and to clarify his emotions; be attuned to his anxieties and aspirations; give full recognition to his difficulties, while at the same time suggesting solutions to the problems which perturb him. In short, it must at one and the same time relate to all aspects of his personality—and this without ever belittling but, on the contrary, giving full credence to the seriousness of the child’s predicaments, while simultaneously promoting confidence in himself and in his future (Bettelheim, 1991, p. 5)

No conto, a personagem do Pequeno Polegar pode ser entendida como a representação do eu interior da criança, a qual enfrenta adversidades e desafios externos no seu dia-a-dia, mas encontra em si mesma força e resiliência para os superar. Nesta linha de pensamento poderemos

explorar os temas de separação e autonomia presentes. O abandono dos filhos na floresta pelos pais pode ser interpretado como uma metáfora para o processo de separação e individuação que as crianças enfrentam à medida que crescem. O Pequeno Polegar, ao liderar os seus irmãos e superar os obstáculos que lhes surgem, demonstra a capacidade das crianças se tornarem independentes e autoconfiantes perante desafios. Se analisarmos os elementos fantásticos e simbólicos do conto, como a casa do Ogre cheia de tesouros, em termos de sua relevância psicológica, estes elementos oferecem uma forma de escape e imaginação, permitindo que processem as suas emoções e desejos inconscientes de uma forma segura e controlada. Em suma, uma análise psicanalítica destacará a importância dos contos na vida das crianças e o seu papel no desenvolvimento emocional e psicológico destas.

Segundo Knox-Johnson “it is important to note that each child identifies with different characters, according to the anxieties that he or she is coping with and his or her defensive strategies” (Knox-Johnson, 2016, p. 2), e a partir desta afirmação destacamos a profundidade e a relevância dos contos de Perrault pela capacidade que os mesmos têm de ecoar as experiências e os desafios enfrentados pelas crianças no seu crescimento.

No entanto, a nossa análise encaminha-se noutra direção. Mais exatamente observar as ações do Pequeno Polegar e as suas implicações sociais.

Se encararmos os contos como ferramentas educativas, estamos a considerar que os mesmos podem moldar comportamentos e aspirações. Estas narrativas, a trama que expõem, ao estimular a imaginação em diversos cenários de possibilidades, também promovem a reflexão sobre valores e comportamentos do que é descrito, e neste sentido abrem espaço para o diálogo sobre questões éticas, morais e sociais.

Os contos são, de facto, formadores da cultura da *pólis* e fatores de contribuição para a construção do conhecimento, compreensão mútua, identidade cultural e desafio ético e moral. Estas, porque são narrativas abertas proporcionam um terreno fértil para a troca de ideias e o enriquecimento da experiência humana, tanto individualmente quanto em comunidade.

Com isto em vista, ao explorar valores éticos e morais presentes, tais como justiça, igualdade, diversidade e direitos humanos, estamos a oferecer uma oportunidade para levar à reflexão ao diálogo questões fundamentais da nossa sociedade. A partir daqui estaremos no caminho para um desenvolvimento da consciência social e responsabilidade cívica das crianças, preparando-as para criarem uma base ética sólida e tornarem-se cidadãos ativos e conscientes. Alargamos assim a esfera de interpretação do conto, indo além de uma orientação social ou de uma análise psicanalítica quando propormos a reflexão e o diálogo sobre as ações descritas.

As ações do conto

1. Um casal de lenhadores num reconhecimento de pobreza extrema assume que não consegue alimentar os seus filhos.
2. Decisão de abandonar as crianças na floresta.

Estes dois pontos apresentam-nos diferentes disfuncionalidades. A primeira, uma disfuncionalidade social, uma vez que a família se reconhece isolada e completamente desprotegida. O segundo, uma disfuncionalidade parental e afetiva a vários níveis que passamos a descrever: o pai assume a decisão de abandonar crianças, logo seres frágeis e carentes, sem proteção, tendo como fim em vista que o desaparecimento destas proporcionasse ao casal maior desafogo económico. A mãe, é completamente apagada desta decisão, uma vez que não consegue contrariar o seu cônjuge. Estamos assim perante tentativa de dano à integridade física com intenção expressa de provocar perigo para a vida. Na verdade estes os pais colocaram propositadamente em perigo a vida das crianças ao expô-las a uma situação de perigo, mais precisamente o abandono destas sem defesas num meio desconhecido e porventura perigoso. Se olharmos aos deveres parentais, assumindo a família como o núcleo da sociedade, cabe efetivamente aos pais o dever de guardar, vigiar ou proteger as crianças, função aqui rejeitada. À luz do Direito Português, nesta decisão, acumula também o facto de o acto ser contra pessoas particularmente indefesas, em razão da idade (Código Penal, Capítulo I, Dos crimes contra a vida, Artigo 132º, 138º).

Efetivamente, o pequeno Polegar tem uns pais que planeiam a sua morte e a de todos os seus irmãos. Neste sentido, são de facto perigosos e como família, disfuncionais. Por outro lado, eles são a sua mãe e o seu pai, logo normalmente as forças positivas e as referências da sua vida. Afinal até este momento crucial e diferente, foram estes que forneceram afeto, comida e abrigo às crianças.

1. O Pequeno Polegar desenvolve uma estratégia e consegue inicialmente voltar a casa
2. Pouco tempo depois o pai reitera a decisão de abandonar as crianças
3. Não conseguindo regressar a casa, as crianças encontram uma casa onde pedem abrigo
4. Sendo a casa de um Ogre, as crianças estão em perigo
5. Iludindo o Ogre, o Pequeno Polegar troca os gorros dos irmãos com as coroas das meninas bebés ogre provocando a morte destas

Nesta casa, o Ogre planeia um jantar. Na sua perspectiva cultural, comer criancinhas ao jantar é um procedimento perfeitamente normal e aceitável. Aliás, até é o que se espera de um Ogre. No entanto, e na nossa perspectiva e cultura, perante esta decisão estamos também perante um crime, uma vez que para tal a morte foi produzida em circunstâncias que revelaram especial perversidade, segundo as nossas referências culturais, uma vez que cortou as gargantas das criancinhas. Este ato é especialmente censurável pelo facto ter sido praticado contra pessoas particularmente indefesas em razão da idade (Código Penal, Capítulo I, Dos crimes contra a vida, Artigo 132º).

6. O Pequeno Polegar rouba as botas mágicas e tudo o que é valioso à esposa do Ogre.

Então porque é que o consideramos um herói e não um criminoso? Contrariamente ao que seria esperado, o Pequeno Polegar, por burla (Código Penal, Capítulo III, Dos crimes contra o património em geral, Artigo 217.A) torna-se o proprietário de um tesouro e de umas botas mágicas, realçando o primado do individualismo face a uma posição de respeito ao outro, à propriedade e à diferença.

As mães

Estas personagens estão como que ausentes. Coloca-se a dúvida se estas mulheres, a mãe do Pequeno Polegar, a esposa do Ogre, poderão ser vítimas de violência doméstica, uma vez que não têm qualquer poder decisório e estão sob o mando absoluto dos seus cônjuges. Poderemos inferir maus tratos psicológicos e privação da liberdade destas mulheres (Código Penal, Capítulo I, Dos crimes contra a vida, Artigo 152º).

Ambas as personagens carecem de papel ativo na trama. Estão presentes no início da ação, quando as crianças saem de casa ou quando são alimentadas na casa que encontram, portanto são personagens importantes nas decisões que inicialmente influenciam a vida, mas depois se esbatem. Estes papéis expressam os valores cristãos da época, em que a mulher deve ser recatada e modesta, não se expondo nem assumindo uma posição de poder. Como Hourihan afirma (2005):“(...) the symbolism often has a quasi-Christian significance, and female figures compounded of aspects of the Virgin and the great goddess appear, to inspire and consecrate the young hero, but their role is marginal” (p. 173).

A questão da alimentação pode aqui ser referida, uma vez que uma mãe não tem recursos, refletindo a realidade de muitas famílias que enfrentam situações de pobreza e escassez, e a outra mãe, a esposa do Ogre, se mostra cordial e atenciosa perante a necessidade

de crianças desconhecidas e desprotegidas. Ao observarmos o papel tradicional de gênero, a mãe é normalmente retratada de acordo com o papel tradicional associado às mães, como protetoras e cuidadoras de seus filhos. No entanto, a falta da presença das mulheres ao longo do desenvolvimento da narrativa pode sugerir uma limitação do seu reconhecimento social, revelando uma sociedade misógina especialmente quando confrontada com desafios extremos.

Num contexto mais lato, a situação destas duas mulheres pode ser interpretada como um exemplo de um ambiente propenso à violência doméstica e à privação da liberdade. Ambas são retratadas como submissas à autoridade de seus maridos. Esta falta de poder decisório e autonomia sobre as suas vidas pode torná-las vulneráveis a diferentes formas de abuso, como o psicológico e privação de liberdade. Ao aplicarmos conceitos legais contemporâneos, como os relacionados aos crimes contra a vida e à privação da liberdade à análise desta narrativa, podemos destacar como certos comportamentos e dinâmicas de poder retratados refletem questões mais amplas e relevantes e ainda atuais na nossa sociedade.

The mother figures in these tales, then, symbolize the pre-oedipal closeness of mother and child, but they are also significant at the ideological level of the story, inscribing the perception that ‘a woman’s place is in the home’ (especially if she has children) naturalizing the restriction of women to the domestic sphere, and thus authorizing the strategies which have been used over the years to keep them there, strategies ranging from unequal educational opportunities for girls and the simple refusal to admit women to many occupations, to practices such as unequal pay, denial of tenure and promotional opportunities, and lack of child care facilities. The stereotype of the gentle mother content with her role in the home is, of course, not restricted to hero tales. It is widespread in advertising and it abounds in children’s literature of all kinds, functioning as a powerful tool of social conditioning (Hourihan.2005:167).

Não obstante esta realidade, nesta parte da narrativa encontramos uma dicotomia antagônica que normalmente passa despercebida. Neste caso, entre o papel das mães. A mãe dos rapazes, a mãe tradicionalmente protetora, inicialmente apresentada como uma figura de amor e preocupação maternal e que gerou o equilíbrio familiar até então, é afinal a mãe que aceita que as suas crias sejam abandonadas à sua sorte, sabendo o desfecho que as esperaria num meio desconhecido. Se admitirmos que esta mulher é convencida pelo marido a concordar com o plano, estamos a admitir que não tem vontade própria por manipulação ou violência marital ou o seu amor pelos filhos é suplantado por um plano de conveniência.

Por sua vez, a mulher do Ogre aceita as crianças desconhecidas, alimenta-as, agasalha-as, dá-lhe abrigo e protege-as. Mesmo quando vê as suas próprias filhas mortas, não se revolta contra os rapazes que levaram o seu marido ao engano que derivou neste acontecimento, nem quando foi manipulada para entregar todos os seus bens.

Assim, a mãe tradicional e perfeita é afinal a mãe que é conivente com o abandono. Ou diremos, a mãe fisicamente segundo os cânones biológicos esperados é a mãe que adota uma posição moralmente duvidosa. Por sua vez, a mulher do Ogre, figura disforme consoante o aceitável e por isso marginalizada, é a figura feminina que assume um papel maternal sem limitações.

Porque excluimos a diferença?

Nesta dicotomia narrada encontramos sete meninas como contrapartida a sete meninos. Vemos que estas meninas são ainda inocentes, sem maldade, mas morrem em lugar dos rapazes, aos quais está destinada a salvação.

Com efeito, as meninas, filhas do Ogre, são penalizadas apenas pelo seu presumível aspeto físico monstruoso e os rapazes, exemplos biológicos sem deformidades, são encarados como vítimas sendo como que defendidos por um poder divino o que os leva a escaparem ilesos. Mas, para os pais Ogres as suas meninas eram maravilhosas e protegidas, e os rapazes, os exemplos físicos perfeitos, ficaram desprotegidos.

Se nos debruçarmos sobre a questão da exclusão da diferença física, esta pode ocorrer por várias razões, muitas das quais estão enraizadas em preconceitos e estereótipos individuais e culturais. Assim, em cada cultura desenvolvem-se padrões de beleza específicos. Nas culturas contemporâneas, estes que são promovidos pela media, pela sociedade e pela cultura em geral, sendo que as pessoas que não se encaixam nestes padrões são muitas vezes marginalizadas ou até excluídas. Nesta conceção de idealidade a diferença física é muitas vezes encarada como algo desconhecido ou estranho, o que pode gerar receio ou desconforto. Esta reação exacerbada pode levar à exclusão ou à discriminação dos que têm diferenças físicas ou mentais perceptíveis.

No conto, o Ogre e a sua descendência são encarados como o disforme, o inadequado, o imperfeito, pelo que têm de ser suprimidos. Os rapazes, como vimos, exemplos da perfeição, estão destinados ao sucesso. Muito além de valorizar a argúcia do diferente, esta narrativa ainda diferencia o diferente, uma vez que o “pequeno” Polegar atrai a nossa simpatia, e o gigante, o disforme, é considerado o nefasto. Este é realmente um antagonista que representa uma ameaça para o Pequeno Polegar e os seus irmãos. O seu tamanho descomunal é associado à sua natureza malévola, sendo encarado como um vilão cruel e implacável. Esta distinção entre as personagens espelha como as diferenças físicas e comportamentais são frequentemente representadas na literatura e na cultura popular e por sua vez refletem comportamentos constantes. E, enquanto o protagonista, “pequeno” mas perfeito na sua diferença, é admirado,

ao antagonista, com suas próprias diferenças e disformidades, é-lhe atribuída uma natureza malévola. No entanto, e como podemos ver, o Ogre faz o que é esperado numa comunidade de ogres, não se imiscuindo numa comunidade humana, sendo que a descrição nos diz explicitamente que esta família vivia num local longínquo e recôndito. A distância da sua vida em relação à sociedade humana sugere uma separação clara entre estes dois mundos e implica que as suas ações não são governadas pelas normas sociais humanas. Por seu turno, o Pequeno Polegar, invadindo mundos assume uma postura de maledicência e oportunismo ilimitada, revelando-se como astuto e oportunista e capaz de manipular as situações que enfrenta apenas em seu próprio benefício.

Este conto abre-nos o convite à reflexão que nem tudo é o que parece. Por um lado, o Pequeno Polegar é-nos apresentado como uma personagem vulnerável e corajosa, cujo tamanho é compensado por inteligência e astúcia. Somos assim encaminhados a simpatizar com a sua situação difícil e a desejar que tudo lhe corra bem durante a sua jornada, a qual é atravessada por momentos de perigo e desespero.

Por outro lado, o Ogre é-nos retratado como um ser temível e cruel, cujas ações são motivadas pela ganância e pela violência, não revelando nenhuma compaixão nem sentido moral. É-nos apresentado como uma figura de poder e opressão, cuja presença representa uma ameaça para o Pequeno Polegar e os seus irmãos.

Portanto, enquanto somos incentivados a sentir empatia pelo Pequeno Polegar, o Ogre é retratado como um antagonista que representa o perigo e a ameaça. Esta dicotomia entre as duas personagens fisicamente disformes e diferentes reforça a importância da empatia e da compaixão em contraste com a exclusão e a hostilidade, destacando a complexidade das relações humanas e a necessidade de solidariedade e apoio mútuo em face à adversidade e à diferença.

Figuras ambivalentes, e masculinas no conto o anão opõe-se ao gigante, em tamanho físico, mas também pelo seu papel com o herói: ao contrário do gigante que é sempre entendido como uma personagem para derrotar, o anão pode ser um solidário e ajudar as outras personagens a superar as provações.

É certo que os contos nos mostram modelos que tendemos a copiar, uma vez que “folk tales convey moral teachings, ethical standards, and social customs, guiding individuals in their interactions and supporting the character development of young people. Reading folk tales fosters a sense of unity among people and their communities” (Quý.2023:2). Tendo este facto em mente, consideramos importante levar a narrativa do Pequeno Polegar a diálogo, uma vez que as ações do mesmo, numa primeira abordagem nos podem parecer assertivas e até

justificadas. No entanto, no mergulhar da narrativa, poderemos extrair mais significados e provocações a reflexões que nos levem a tomar uma posição, não individualista, mas sim solidária e em comunidade.

A partir das narrativas somos convocados a pensar a realidade. Segundo Carney “books offer children opportunities to consider, often for the first time, major issues such as life and death, pain and suffering, fear and frustration. New aspects of the human condition are brought into focus [...]. Encounters between readers and texts have the great potential to teach much about reading and language, but they offer so much more” (Carney, 2010, p. 7).

Num mundo de diferenças, é importante reconhecer e valorizar a diversidade física, tal como a diversidade em todas as áreas da vida. Cada pessoa é única e tem sua própria beleza e valor, independentemente de sua aparência física. Numa sociedade equitativa, a inclusão e o respeito pela diferença são essenciais para promover a igualdade e a justiça e assim se constituir um mundo melhor.

Afinal quem é quem?

Nesta narrativa somos presentes a personagens sofredores e personagens abastados. Personagens fisicamente perfeitos e personagens fisicamente diferentes. Nos contos de fadas somos normalmente confrontados com a beleza como sinónimo de inocência e a diferença como sinónimo de maledicência. Mas, nesta dicotomia, nada do que parece, afinal é. E aqui entramos no que denominamos o universo da confusão moral.

O lenhador, fisicamente perfeito segundo as normas biológicas, a personagem a quem dedicamos a nossa compreensão e que tomou voluntariamente a decisão de abandonar as crianças que dependiam de si, sabendo que não sobreviveriam na floresta: qual a sua punição? Afinal a bondade desta personagem torna-se duvidosa.

Esta personagem é de facto, uma figura complexa cujas ações levantam questões sobre a sua moralidade e responsabilidade como pai e provedor. A decisão, irrevogável pois sabemos que a repetiu, de abandonar as crianças na floresta, apesar das circunstâncias desesperadas que todos sofriam, é uma ação que levanta dúvidas sobre a sua bondade e a sua capacidade de cumprir seu papel como pai. Muito embora possamos entender esta decisão como um ato de desespero diante da fome e da pobreza que assolou esta família, o abandono das crianças revela uma falta de consideração pelas consequências das suas ações e uma falha no cumprir das suas responsabilidades parentais.

Assim, a bondade do lenhador torna-se, de fato, dúbia, à medida que as suas ações contradizem a sua posição como provedor e protetor da sua família. Esta personagem pode enfrentar o peso de sua decisão ao longo da narrativa, suportando um conflito interno e a culpa pelas suas ações. A sua punição, neste sentido, será mais psicológica do que física, refletindo o impacto das suas decisões na sua própria consciência e moralidade. No entanto a narrativa não apresenta nenhum registo de tristeza do mesmo, o que nos leva a inferir que esta personagem representa o princípio da individualidade, e não da solidariedade e compaixão.

Também a mãe, como vimos anteriormente, não se impôs no sentido da salvação dos seus filhos. Onde está aqui a qualidade de bondade maternal? Mesmo colocando a hipótese de esta mulher ser vítima de violência doméstica, a mesma não se escapou de casa para ir atrás dos seus filhos e tentar salvá-los. De facto, a mãe das crianças não age de forma a proteger ou resgatar os seus filhos quando o pai propõe abandoná-los na floresta. Esta falta de intervenção da sua parte pode levar-nos a questionar a natureza da sua bondade maternal e capacidade de agir em prol do bem-estar dos seus próprios filhos. Mesmo considerando a possibilidade de que possa ser vítima de violência doméstica ou subjugação pelo marido, a sua falta de ação para proteger os filhos pode levantar questões sobre a sua responsabilidade e compromisso com o seu papel de mãe e protetora. A decisão de não intervir perante a decisão do marido pode ser vista como uma falha no exercer da sua autoridade e afeto parental, uma vez que como mãe colocaria naturalmente o bem-estar dos seus filhos acima de tudo. No entanto é importante reconhecermos que as mulheres na época de Perrault enfrentavam desafios significativos em termos de poder e autonomia quer no seio da família quer da sociedade. Nesta consideração, a sua falta de ação pode ser entendida como o cumprimento ideal do seu papel de mulher, como seria esperado dentro do contexto das normas e expectativas sociais da época. Mas, e apesar de encararmos todas as situações como atenuantes, a sua falha em proteger os seus filhos ainda pode ser vista como uma falha moral e ética, independentemente das circunstâncias. Esta perspetiva destaca uma complexidade na vivência da vida marital e da maternidade no conto e destaca a importância de questionar e problematizar as expectativas sociais e culturais em torno do papel das mães na proteção e cuidado dos seus filhos face aos desafios do poder parental.

O Ogre, o monstro, o disforme, o rejeitado é punido: com a perda de uma boa refeição, com a morte das suas filhas, com o roubo de suas preciosas botas de sete léguas e finalmente com os seus bens materiais. Esta personagem, que vivia no seu espaço, segundo a normatividade das suas regras morais, é confrontada com a moral do espaço cultural do Pequeno Polegar, e por isso condenada.

Na mesma linha, a mulher do Ogre, que acolhe as crianças perdidas, as alimenta, as resguarda e as protege, é punida pela perda de tudo o que constituía a sua vida. Esta punição, por associação, pode ser vista como uma reflexão das consequências de estar associada a alguém cujas ações são questionáveis. Apesar da bondade que revela em relação às crianças, sofre as consequências por apenas ser casada.

O conto como recurso educativo

Reconhecendo que a relação entre contos, ética e política é multifacetada e complexa, propomos, a partir do conto de Perrault, encontrar neste valores que possam convidar ao exercício reflexivo e ao diálogo. Esta possibilidade leva-nos a encarar os contos como ferramentas interessantes que podem levar as crianças a refletir sobre o que é certo e errado, promovendo-se o desenvolvimento de uma base ética sólida. Estudar este conto, entendemos que pode ser uma oportunidade para serem levados a diálogo temas como justiça, igualdade, diversidade e direitos humanos, pelo que, ao incluirmos estas temáticas num projeto educativo, estaremos a promover nas crianças o desenvolvimento de consciência social e responsabilidade cívica.

Esta narrativa, entendida como um recurso educativo relevante permite a reflexão sobre as situações apresentadas podendo ser ponto de partida para diálogos sobre ética e valores morais. A consideração sobre as ações das personagens e permite discutir questões éticas que são levantadas pelo conto. Valores como coragem, generosidade, respeito pelos outros e responsabilidade pelas escolhas podem ser examinados e levados a diálogo. Ao longo da narrativa vemos que o Pequeno Polegar é retratado como uma personagem corajosa, cujo tamanho é compensado pela sua inteligência e arteirice. Perante a sua situação aparentemente frágil começamos a desejar o seu triunfo enquanto enfrenta os perigos da floresta e as ameaças do Ogre. Em contrapartida, o Ogre, o gigante, é retratado como um ser medonho e cruel, sem nenhum sentido moral. Este, embora numa vivência que não interfere com a sociedade comum, é-nos apresentado como uma figura insensível, um verdadeiro perigo para a sobrevivência do Pequeno Polegar e dos seus irmãos. A sua exclusão da comunidade social considerada normal e a sua aparência diferente, ou monstruosa colocam-no numa posição de isolamento insinuando temor, o que reforça a sua apresentação como um ser perigoso que deve ser derrotado. Assim, estamos perante um pequeno ser que nos provoca empatia, e com quem nos identificamos com sua luta pela sobrevivência, enquanto, por seu turno, o Ogre nos é apresentado como o antagonista que representa o perigo e a ameaça à sobrevivência dos inocentes.

Through each story, readers, depending on their circumstances, perceive the meaning and extract lessons for themselves. One of the profound life lessons is the virtue of perseverance. Perseverance is one of the precious virtues of human beings, representing patience and determination in pursuing one's goals, not giving in to life's difficulties. It can be said that enduring persistence is one of the pillars that constitute the “moral - intellect – willpower” of a person. Characters in folk tales often face numerous challenges in life, and to achieve success, they must make persistent efforts to overcome obstacles (Quý, 2023, p. 3).

No entanto, enquanto as ações do Pequeno Polegar são delineadas e executadas sem obstáculos morais com vista ao seu lucro pessoal sem olhar nem ter em consideração as consequências, o Ogre, sem procurar interferir com outrem, apenas seguiu as normas da sua própria sociedade.

Afinal, nada é o que parece.

Estas e outras contradições podem ser levadas a diálogo, levando as crianças comparar as escolhas das personagens com os seus próprios valores e discutir as consequências das suas ações, o que encaminhará ao desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, abrindo a possibilidade de reflexão ética e moral. Levantar estas observações, será levar à consideração diferentes pontos de vista, analisar as motivações por trás das ações das personagens chegando à reflexão sobre as implicações das suas próprias decisões, tanto como das das personagens. Segundo Quý:

The world of characters in these tales travels to various spaces and meets people representing different aspects of culture and human nature. The stories inspire readers, especially young people, to contemplate the importance of relationships and human behavior within these relationships. Each story offers unique insights into the concept of compassion, selflessness, and the circle of life. These examples demonstrate how complex ideas and ethical principles can be effectively communicated through storytelling in children's books (Quý.2023:5).

Na narrativa em análise, a violência é multifacetada, desenvolvendo-se em dimensões de carácter emocional, físico e estrutural. Poderemos entendê-la metaforicamente como um realçar à crueldade do mundo em que as personagens vivem, mas também para destacar a resiliência e a esperteza do Pequeno Polegar. Este, através da sua sagacidade, não apenas supera os atos violentos dirigidos contra ele e seus irmãos, mas também transforma a violência numa ferramenta de sobrevivência e justiça. Neste ponto de vista, a violência narrada revela a profundidade dos desafios enfrentados pelas personagens e a complexidade das soluções que eles encontram para superar esses desafios. No entanto, o desafio coloca-se quando a criança não sai do seu Eu para se relacionar como os outros e toma como princípio o individualismo e a satisfação contínua do seu querer.

Para contrariar esta postura, ao promovermos o diálogo e a reflexão ética, estaremos a dar às crianças ferramentas que as tornarão mais capacitadas a desenvolver competências importantes, como empatia, respeito ao próximo e responsabilidade pessoal e social. A partir daqui serão capazes de considerar o impacto das suas ações o que as levará a uma compreensão mais profunda das complexidades e diferenças da vida. Nesta perspectiva, consideramos que narrativas como *Le Petit Poucet* podem ser encaradas como um recurso importante que estimula a reflexão ética e o pensamento crítico, encaminhando as crianças a tornarem-se sujeitos atentos e responsáveis, no sentido de tomarem decisões informadas e éticas quer nas suas vidas pessoais quer na sociedade.

Considerações Finais

Ao utilizarmos estas narrativas como suporte para o diálogo filosófico, estaremos a criar um ambiente inesperado, mas propício ao desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico das crianças. Estas, ao compararem as escolhas das personagens com os seus próprios valores, avaliam as ações descritas e tornam-se capazes de considerarem as consequências das suas próprias escolhas.

Realçando as contradições e as diferentes perspectivas que as personagens revelam, as crianças são provocadas a pensar criticamente sobre questões éticas e morais, tendo a oportunidade de analisarem as motivações por trás das ações descritas e refletirem sobre as consequências. Esta análise permitir-lhes-á também aprender a encarar e aceitar pontos de vista diferentes dos seus promovendo-se uma compreensão mais profunda das complexidades da vida em sociedade. Mais, ao fomentarmos o diálogo e a reflexão ética, estaremos a capacitar as crianças para desenvolverem competências sociais importantes, como empatia, respeito ao próximo e responsabilidade pessoal, aprendendo a considerar o impacto das suas ações não apenas em si mesmas, mas também nos outros, levando ao desenvolvimento de uma consciência social.

Abordar temas como a justiça pode fazer-nos a questionar se as ações do Pequeno Polegar são justas ou se ele age apenas por conveniência. Esta controvérsia encaminha-nos a uma análise das situações que possa determinar se a astúcia e a manipulação são moralmente aceitáveis. Levar a diálogo as consequências das ações do Pequeno Polegar e do Ogre pode ajudar as crianças a compreender as complexidades da justiça, onde nem sempre os resultados são simples ou evidentes.

Se abordarmos temas como a igualdade, poderemos explorar como as desigualdades entre as pessoas influencia o tratamento que recebem na sociedade. Analisar como o Pequeno Polegar, apesar de ser o mais novo e fisicamente o menor dos irmãos, assume a liderança e protege a família, pode promover discussões sobre liderança, igualdade de oportunidades e reconhecimento de competências individuais. Outro tema que poderá ser desenvolvido tem a ver Direitos Humanos e pode ser trabalhado a partir da análise da diversidade das personagens apresentadas. Discutir a diversidade destas (ser humano vs. Ogre) leva à consciência da necessidade de respeitar e entender culturas e modos de vida diferentes, mesmo que sejam apresentados como modos aparentemente antagônicos. A consideração de uma perspectiva inclusiva, incentiva as crianças a pensar sobre como podemos e devemos aceitar e respeitar os que são diferentes de nós, e como estas diferenças podem enriquecer a comunidade e o mundo.

Uma das primeiras ações do conto é o abandono. Esta ação descrita pode ser utilizada para ser discutido o direito das crianças à proteção e cuidado, e como esta questão é tratada na sociedade moderna. A partir deste acontecimento, as ações do Pequeno Polegar para garantir a sua sobrevivência e dos seus irmãos podem levantar questões sobre os direitos básicos de todos os seres humanos e a importância de lutar por estes mesmos direitos.

Integrar estas temáticas na educação permite criar um espaço que leve ao desenvolvimento de cidadãos conscientes e ativos, que não entendem os princípios éticos e morais de modo teórico mas possuem a capacidade de os aplicar efetivamente na esfera pública. Este desenvolvimento implica não apenas a interiorização de valores éticos, mas subsequentemente a prática de os aplicar em contextos reais, desenvolvendo-se uma sociedade cada vez mais justa e equitativa.

Deste modo, consideramos *Le Petit Poucet* não apenas uma narrativa de cariz lúdico, mas um recurso educativo valioso que pode ser desenvolvido e utilizado para promover o pensamento crítico, a reflexão ética e em consequência a responsabilidade cívica entre as crianças, preparando-as para enfrentarem os desafios do seu mundo real, mas com uma sólida base ética e uma compreensão profunda dos valores humanos. Por fim, acompanhamos Quí (2023): “In general, using storytelling for education and imparting values to readers of all ages is a quiet but effective path in education, as beautifully expressed in the Vietnamese saying, “Literature forever holds an enduring place in our hearts; education builds and never depletes its resources”” (p. 5).

Referências bibliográficas

BETTELHEIM, B. *The uses of enchantment, The meaning and importance of fairy tales*. London: Penguin Books, 1991

CAIRNEY, T. *The power of story: How literature can teach, enrich and transform*. [Acedido em 14 de outubro de 2024]:

https://www.researchgate.net/publication/292429568_The_power_of_story_How_literature_can_teach_enrich_and_transform

Código Penal. [Acedido em 26 de outubro de 2024]: <https://www.codigopenal.pt/>

KNOX-JOHNSON, L. V. *The Positive Impacts of Fairy Tales for Children*. [Acedido em 24 de outubro de 2024]:

<https://hilo.hawaii.edu/campuscenter/hohonu/volumes/documents/ThePositiveImpactsofFairyTalesforChildrenLeilaniVisikoKnox-Johnson.pdf>

HOURIHAN, M. *Deconstructing the hero*, Literary theory and children's literature. New York: Routledge, 2005

QUÝ, N.; Phuong, L. The Importance of Fairy Tales in Communication, Education, and Cultural Preservation. In *International Journal of Social Science and Human Research* 6(10), 2023 DOI:[10.47191/ijsshr/v6-i10-14](https://doi.org/10.47191/ijsshr/v6-i10-14). [Acedido em 30 de outubro de 2024]:

https://www.researchgate.net/publication/374646063_The_Importance_of_Fairy_Tales_in_Communication_Education_and_Cultural_Preservation